

Rússia e China: análise da “Aliança sem limites” e a rivalidade com os Estados Unidos

Leonardo dos Santos Fernandes¹

Johny Santana de Araújo²

Resumo: O artigo analisa como a aliança estratégica entre China e Rússia está provocando algumas mudanças em relação a hegemonia dos Estados Unidos na governança global, delineando uma nova ordem mundial. A Rússia destaca-se em aspectos militares e energéticos, enquanto a China lidera na indústria e comércio, impulsionando uma política internacional mais multipolar. As relações entre esses países fortalecem-se em diversas áreas, como economia, ciência e diplomacia, com os chineses emergindo como principais compradores das exportações russas e desafiando as sanções americanas no contexto da guerra russo-ucraniana.

Palavras-chave: Rússia; China; Política internacional.

RUSSIA and CHINA: analysing the "alliance without limits" and the rivalry with the U.S.

Abstract: This article analyzes how the strategic alliance between China and Russia is driving changes in relation to the hegemony of the United States in global governance, outlining a new world order. Russia stands out in military and energy aspects, while China leads in industry and commerce, driving a more multipolar international policy. The relations between these countries are strengthened in several areas, such as economics, science, and diplomacy, with the Chinese emerging as the main buyers of Russian exports and challenging American sanctions in the context of the Russo-Ukrainian war.

Keywords: Russia; China; International politics.

RUSIA Y CHINA: análisis de la “alianza ilimitada” y rivalidad con EE.UU.

Resumén: Este artículo analiza cómo la alianza estratégica entre China y Rusia está impulsando cambios en relación con la hegemonía de Estados Unidos en la gobernanza global, delineando un nuevo orden mundial. Rusia destaca en aspectos militares y energéticos, mientras que China lidera en industria y comercio, impulsando una política internacional más multipolar. Las relaciones entre estos países se fortalecen en diversas áreas, como economía, ciencia y diplomacia, con los chinos emergiendo como principales compradores de las exportaciones rusas y desafiando las sanciones estadounidenses en el contexto de la guerra Ruso-Ucraniana.

Palabras clave: Rusia; China; Política internacional.

Introdução

O artigo analisa como a aliança estratégica entre Rússia e China está provocando algumas mudanças em relação à hegemonia dos Estados Unidos na governança global, delineando uma nova ordem mundial. A Rússia destaca-se em

¹ Mestrando do Programa de pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

² Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor Associado IV do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí (UFPI), membro permanente dos programas de pós-graduação em História do Brasil e Ciência Política, ambos da UFPI.

aspectos militares e energéticos, enquanto a China lidera na indústria e comércio, impulsionando uma política internacional mais multipolar. As relações entre esses países fortalecem-se em diversas áreas, como economia, ciência e diplomacia, com os chineses emergindo como principais compradores das exportações russas e desafiando as sanções americanas na guerra russo-ucraniana.

Os objetivos específicos incluem: a) Analisar a dinâmica comercial dos mercados de exportação e a relação política entre Rússia e China no contexto da crescente tensão entre EUA e China; e b) compreender a posição da diplomacia chinesa diante da intervenção russa na Ucrânia em 2022. E ainda a pauta do mundo multipolar tão alardeada no nosso atual cenário internacional em desintegração. O primeiro tópico do artigo oferece uma visão geral da história da ordem internacional, destacando seu desenvolvimento e dinâmica em resposta às novas configurações e alianças entre Rússia e China na construção da multipolaridade.

No segundo tópico, destacamos a ascensão política de Putin e sua abordagem governamental, analisando como seus objetivos políticos e o cenário internacional o levam a se aproximar estrategicamente da China. E no terceiro e último tópico veremos como o histórico de conflitos da Rússia – incluindo sua mais recente incursão na Ucrânia desde 2022 – estão beneficiando o comércio sino-russo e provocando medidas de escape das sanções ocidentais em uma clara oposição China-Rússia vs Ocidente.

A metodologia consiste na análise crítica desenvolvida com base em leitura e interpretação da bibliografia e dos dados econômicos, bem como da interpretação crítica do comunicado em conjunto de Rússia e China.

1. China-Rússia x EUA: uma ordem mundial em transformação rumo a multipolaridade?

No final da década de 1980, Francis Fukuyama, renomado cientista político nipo-americano, lançou seu artigo clássico "O Fim da História", que posteriormente se tornou um livro. Sua principal tese era que a democracia liberal representa o estágio final da evolução política e da história humana. Ele argumentava que uma vez que todos os países adotassem esse sistema, não haveria mais mudanças

significativas na história política. Desde então, após a queda da União Soviética, surgiram várias democracias³.

Segundo Fukuyama (2018), houve um notável crescimento democrático global de aproximadamente 35 democracias em 1970 para quase 120 em 2010. Contudo, recentes desafios como avanço do populismo, extremismo, polarização acentuada e crise das instituições políticas, especialmente evidente durante a pandemia global da Covid-19, têm abalado a confiança na governança democrática, impulsionando uma inclinação para regimes autoritários. A estabilidade política internacional do período pós-Guerra Fria, que parecia consolidada pela infraestrutura geopolítica dos Estados Unidos e da União Europeia, atualmente enfrenta significativas incertezas. A diplomacia tradicional parece cada vez menos uma via para a resolução dos conflitos, que não cessam de eclodir nas mais diversas áreas do globo.

Tendo isso em vista buscamos compreender as seguintes dinâmicas a) comercial dos mercados de exportação e a relação política entre Rússia e China no contexto da crescente tensão entre Estados Unidos e China b) a posição da diplomacia chinesa diante da intervenção russa na Ucrânia em 2022. E ainda a pauta do mundo multipolar tão alardeada no nosso atual cenário internacional em desintegração.

China e Rússia têm intensificado seus laços ao longo dos anos, abrangendo diversas esferas, como política, economia, energia e segurança. Do ponto de vista diplomático, existem fortes indícios de harmonia entre as duas nações. Um exemplo notável foi a visita do líder russo Vladimir Putin ao líder chinês Xi Jinping (10 years [...], 2023), pouco antes do início da ofensiva russa contra a Ucrânia em fevereiro de 2022.

Essa ação pode simbolicamente representar a aprovação de Xi Jinping para que Putin prossiga com seus planos na Ucrânia. Henry Kissinger (2023), ex-secretário de Estado dos EUA e arquiteto da diplomacia entre EUA e China nos anos 1970, afirmou que o equilíbrio entre EUA e China é crucial para a paz mundial. Ele expressou ceticismo sobre a aliança sino-russa devido à desconfiança mútua enraizada em eventos históricos. Entre esses eventos, destacam-se os conflitos

³ A onda de transições democráticas na África Subsaariana durante o início dos anos 1990 foi claramente inspirada na queda do Muro de Berlim e nos acontecimentos dramáticos na Europa Oriental pouco depois disto.

fronteiriços, como os confrontos armados em 1969 na Ilha de Zhenbao (Damansky), no rio Ussuri⁴, que refletiram profundas rivalidades territoriais e ideológicas durante a Guerra Fria. Esses episódios contribuíram para uma relação marcada por tensões e desconfianças persistentes entre os dois países. Para Voskressenski (2020), houve falta de iniciativa ou mesmo negligência por parte do Ocidente, Estados Unidos e União Europeia em acomodar a nova Rússia pós-soviética na ordem internacional unipolar, o que abriu espaço para os experientes diplomatas chineses, que foram muito pragmáticos em relevar muitos dos obstáculos históricos de ambos os grandes países para a reaproximação. Na visão de Freire (2021), a importância político-econômica da China para a Rússia é incontornável, embora o rápido crescimento chinês nas mais diversas esferas possa permear as relações entre os dois gigantes por um receio de desequilíbrio por parte dos russos. Uma Rússia grande novamente tem estado no radar de suas lideranças políticas, principalmente do seu presidente Vladimir Putin, que insere seu país cada vez mais como uma potência revisionista do sistema internacional, tendo ganhado preponderância com a anexação da Crimeia, em 2014, e a intervenção militar na Síria, em 2015, e agora, mais recentemente, a segunda incursão na Ucrânia, que está a se aproximar de dois anos de conflito militar. Para Freire (2021), os

Documentos de referência de política externa russos descrevem a Rússia como um ator relevante que prossegue políticas que lhe permitam “alcançar um posicionamento firme e prestigioso na comunidade mundial, consistente com os interesses da Rússia como grande potência, como um dos centros mais influentes do mundo moderno”. Os documentos sublinham o estatuto da Rússia como um dos “Estados líderes no mundo” e a sua “crescente responsabilidade na definição da agenda internacional e na modelação do sistema das relações internacionais”, consolidando a “posição da Rússia como centro de influência mundial” (Freire, 2021, p. 53).

Essa perspectiva revisionista e belicosa da Rússia é abordada com cautela e muitas vezes preocupação por Pequim, pois o país, ao longo dessas últimas décadas, conseguiu uma posição de maior importância na ordem internacional e em suas instituições de governança. Kaczmarek (2019) identifica que a China⁵ e a

⁴ De acordo com documentos desclassificados do Arquivo Nacional de Segurança dos EUA, existia a possibilidade de um ataque nuclear soviético contra a China em 1969 (Estados Unidos, 1969).

⁵ O presidente Xi delineia que “Devemos seguir o princípio de não interferência nos assuntos internos dos outros países, respeitar o caminho de desenvolvimento e o sistema social escolhidos de forma independente pelos povos de cada país, promover a solução das divergências e disputas entre os países por vias pacíficas e através do diálogo e consultas e nos opor à ameaça ou ao uso da força” (Xi Jinping, p. 546).

Rússia demonstram diferenças profundas em sua abordagem do sistema internacional.

A China prefere uma mudança incremental nas hierarquias de *status* internacional e nos arranjos internacionais que fortaleça Pequim. Qualquer mudança na ordem global não deve comprometer a estabilidade político-econômica geral nem prejudicar a abertura econômica (Kaczmarek, 2019, p. 14, tradução nossa).

No contexto da guerra russo-ucraniana atual, a China não condenou publicamente, nem repreendeu seu parceiro russo. Esse apoio tácito da China às demandas russas na Ucrânia não contribuiu para acalmar as tensões entre EUA e China, que têm testemunhado um agravamento nas relações ao longo da última década, especialmente a partir da administração Trump (2017-2021). Durante a administração de Joe Biden, quando o conflito entre Rússia e Ucrânia eclodiu, a postura diante da China não se alterou tanto no cenário comercial e político, pois Biden manteve diversas tarifas impostas por Trump.

Em relatório de Estratégia de Defesa Nacional de 2022, o governo dos EUA, sob a administração Biden, definiu a China⁶ da seguinte maneira:

A RPC continua sendo nosso concorrente estratégico de maior importância nas próximas décadas. Chegamos a essa conclusão com base nas ações cada vez mais coercitivas da RPC para remodelar a região do Indo-Pacífico e o sistema internacional para atender às suas preferências autoritárias, juntamente com uma forte consciência das intenções claramente declaradas da RPC e da rápida modernização e expansão de suas forças armadas. Como observa a Estratégia de Segurança Nacional do presidente Biden, a RPC é “o único país com a intenção de remodelar a ordem internacional e, cada vez mais, com o poder econômico, diplomático, militar e tecnológico para fazê-lo (Estados Unidos, 2022, p. 11, tradução nossa).

Segundo Soros (2021), é essencial para os Estados Unidos ter uma política efetiva para lidar com a China, incluindo uma resposta econômica à iniciativa do Cinturão e Rota⁷. De acordo com Alvares (2020) que analisa as preocupações sino-russas com a dominância dos EUA na política mundial desde o debacle soviético na

⁶ “Se a China tentasse defender a tese de que não é inerentemente uma potência militarista, teria muitos argumentos fortes para apresentar. O primeiro argumento é histórico. Se a civilização chinesa fosse inteiramente militarista, esse traço em especial, o desejo de conquistar e subjugar outros territórios, teria aflorado há muito tempo. Nos últimos dois mil anos, a China com frequência foi a civilização mais forte da Eurásia. Se fosse inerentemente militarista, teria e deveria ter conquistado territórios no exterior, como fizeram potências europeias” (Mahbubani, 2021, p. 96-97).

⁷ Iniciativa do Cinturão e Rota, também conhecida como “Um Cinturão, Uma Rota”, é o nome atribuído ao conjunto de projetos chineses para um cinturão econômico que reeditaria a Rota da Seda terrestre e pelo mar no século XXI.

década de 1990, destacando que a Rússia e a China veem a condição dos EUA como única potência do globo como uma ameaça externa significativa: “O poder não balanceado dos Estados Unidos e a tentativa de manterem a condição alcançada desde o fim da União Soviética representam aos olhos da Rússia e da China uma significativa ameaça externa” (Alvares, 2020, p. 78).

Para Kaczmarek (2019), existe uma divisão entre os pesquisadores das relações entre China e Rússia quanto à total convergência ou divergência na visão de ambos os países sobre a ordem mundial. Para o autor, as visões de Rússia e China sobre a arquitetura das relações internacionais, em parte, convergem e, em parte, divergem, o que poderia significar maiores desafios para uma cooperação mais profunda no longo prazo. No entanto, pautas importantes, como a oposição às políticas ocidentais ou a sua ordem estabelecida, têm peso importante no alinhamento sino-russo.

Rússia e China concordam em vários aspectos da ordem mundial atual que desejam conter ou mudar. Estes são, em primeiro lugar, normas promovidas pelo Ocidente, especialmente os princípios democráticos liberais e as limitações à soberania estatal. Tanto a Rússia quanto a China rejeitam a primazia ocidental e a consideram uma ameaça tanto para seus interesses de política externa quanto para seus regimes domésticos. No entanto, eles não concordam totalmente sobre quais normas alternativas gostariam de promover. Embora as declarações conjuntas encubram essa divergência, as diferenças se tornam mais evidentes nos padrões de envolvimento prático de Rússia e China com a governança global e em suas atitudes em relação à globalização e aos movimentos antiglobalização (Kaczmarek, 2019, p. 20-21).

Dentro da perspectiva sino-russa, o cenário na política internacional necessita passar por reformas para refletir o atual momento de avanços econômicos do chamado sul global. A saída seria uma configuração denominada de multipolar, uma tendência irresistível, segundo Xi Jinping (2019). Na concepção do filósofo e cientista político russo Alexander Dugin⁸, a ordem internacional multipolar seria fundamentada em aspectos culturais, geopolíticos e políticos diferentes dos promovidos pelo Ocidente, no que se denomina de eurásianismo. Dugin⁹ (2012)

⁸ Dugin se tornou mais conhecido no Ocidente como “o filósofo de Putin”, especialmente a partir da Crise Ucraniana em 2014, tendo inclusive sido sancionado pelos EUA e Canadá por uma suposta influência sobre os eventos. Após debates com figuras como Bernard-Henri Lévy e Francis Fukuyama, Dugin é hoje considerado uma das mais importantes vozes críticas ao projeto globalista do Ocidente atlantista e o arquiteto filosófico do mundo multipolar.

⁹ “A multipolaridade defendida por Dugin conduz a uma convergência das ideias de Mackinder e Haushofer: ‘Retira de Mackinder a ideia de luta entre a terra e o mar e a de que quem domina o coração da Eurásia domina o mundo’ (Matos, 2012, p. 11), e de Haushofer: ‘ele se inspira na ideia

parte da ideia de Choque Civilizacional, de Samuel Huntington (2011), estruturando o mundo multipolar composto por pelo menos sete eixos civilizacionais, com a Rússia fazendo parte da civilização ortodoxa (eurasiática). Nesse cenário multicivilizacional que o filósofo considera um novo paradigma das Relações Internacionais,

Cada uma das civilizações irá representar um polo de poder e o centro da hegemonia local, excedendo a capacidade de todas as suas componentes (acerca dessa civilização em particular), mas não detendo poder suficiente para impor a sua vontade às civilizações vizinhas. A ordem multipolar irá reconstituir-se noutra patamar do sistema westfaliano, com a sua soberania, equilíbrio de poder, caos no panorama internacional, possibilidades de conflito e potencial de discurso apaziguador (Dugin, 2012, p. 122).

Para Albuquerque (2022), no entanto,

Uma arquitetura multipolar para o sistema internacional não significa necessariamente uma redução das tensões e conflitos internacionais, e inclusive pode significar o contrário, como demonstrado na disputa comercial e militar entre os monopólios de Estado no período do Entreguerras (Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha e Japão) (Albuquerque, 2022, p. 13).

Embora seja pretensamente anti-hegemônico e antiocidental, a proposição duginista de um mundo multipolar guarda, de acordo com Albuquerque (2022), fortes semelhanças com as pan-regiões projetadas pelo general nazista Karl Haushofer (1937), sendo notórios em ambas indicativos de uma base totalitária na relação entre potências diretoras e países periféricos.

[...] os projetos de hegemonia em relação aos entornos estratégicos, por vezes, podem vir travestidos de discursos libertadores e restituidores do senso de justiça na arena internacional, caso do atual discurso de Putin, mas nem por isso deixam de representar as velhas e anacrônicas aspirações territorialistas e privilégios de mercado da fase dos impérios (Albuquerque, 2022, p. 14).

De acordo com a perspectiva chinesa, o mundo está passando por uma mudança na correlação de forças no cenário internacional, o que fomenta cada vez mais desafios globais. Tendo em vista esse contexto, a China deve, de acordo com

de pan-regiões e as redesenha para defender (...) um novo modelo de globalização' (idem). O mundo dividido em vários polos compreenderia, de certo modo, o fim dos Estados tradicionais e a formação de grandes espaços unidos em cinturões geoconômicos" (Albuquerque; Matos, 2012, p. 60).

Xi Jinping (2019), reforçar a governança global e promover a reforma do sistema internacional, tornando-o mais justo e razoável, e “defender melhor os interesses comuns do nosso país e dos demais países em desenvolvimento” (2019, p. 553). Na visão chinesa, é de suma importância

[...] elevar a nossa capacidade de participar da governança global, especialmente na nossa capacidade na elaboração de regras, na definição de agendas, na publicidade através de meios de imprensa, assim como no aspecto de planejamento e coordenação (Xi Jinping, 2019, p. 556).

Em suma, as perspectivas chinesas e russas se alinham quanto à necessidade de mudanças na ordem internacional e no *status* de ambos os países e de suas agendas de política externa, compartilhando desafios que se assemelham bastante. Ambos os mandatários, Vladimir Putin e Xi Jinping, terão bastante tempo para construir essa nova arquitetura multipolar, tendo em vista as mudanças constitucionais em ambos os países. Na China, a Assembleia Constitucional aprovou uma emenda que removeu o limite de dois mandatos para a presidência, com Xi podendo ficar indefinidamente no cargo. Já o seu homólogo russo, em 2020, aprovou uma emenda à Constituição russa, permitindo a Putin concorrer a mais dois mandatos, estendendo seu tempo no cargo até pelo menos 2036.

2. Putin e o renascimento da Rússia

O atual presidente russo, Vladimir Putin, atuando na Alemanha Oriental na época do colapso soviético foi profundamente marcado por esse evento, que, para ele, foi como uma grande tragédia, tendo moldado parte de sua visão política nos anos subsequentes. Os anos 1990 na Rússia foram turbulentos e levaram à ascensão de Putin, que em seus governos tem impulsionado o reerguimento do seu país como potência militar e feito mudanças no âmbito econômico nacional usando o Estado para desenvolver áreas consideradas essenciais como os mercados de petróleo e gás.

No campo da Ciência Política, o regime de Putin é comumente referido como uma “autocracia”, palavra de origem grega que se traduz como “poder por si próprio”. O filósofo Norberto Bobbio (1998) ressalta que “Autocrata” é um termo abrangente e frequentemente empregado de forma polêmica, tradicionalmente associado ao domínio dos czares na Rússia. Em 2018, a BBC produziu um documentário

intitulado “O Novo Czar”¹⁰, aludindo a Putin como um autocrata com pretensões imperiais.

O presidente iniciou sua trajetória política de forma discreta, atuando inicialmente no governo municipal de São Petersburgo em 1991, durante o mandato de Anatoli Sobchak. Com frieza, inteligência e estratégia, soube progressivamente conquistar posições de destaque no cenário político da recente Federação Russa, liderada na época por Boris Léltsin. Em 1998, Putin foi nomeado diretor do Serviço Federal de Segurança (FSB), órgão sucessor da KGB. Sua relação favorável com o presidente russo Boris Léltsin levou-o a ser nomeado primeiro-ministro em 1999. Sendo forjado e alçado ao poder em um período de grande agitação e crise econômica na Rússia pós-soviética, a saber, a Moratória Russa de 1998 e a Segunda Guerra na Chechênia, em 1999.

Em 2000 é eleito pela primeira vez como presidente com 53% dos votos. Durante sua campanha presidencial, Putin enfatizou principalmente.

[...] um regresso a um Estado forte e capaz de governar a nação; um sentido de ordem e disciplina na sociedade; avanço rápido, embora indefinido, de uma economia de mercado; supressão de movimentos separatistas nas províncias; e restauração do poder e da glória da Rússia na arena internacional. Tudo o que tinha sido abandonado, ou perdido, ou simplesmente desaparecido nos anos Gorbachev e Yeltsin seria trazido de volta. Tudo o que era necessário era uma liderança forte (Kelley, 2016, p. 122, tradução nossa).

Nessa perspectiva de reavivamento de uma Rússia forte através do projeto autocrático de Putin, ele buscou restaurar elementos de ordem, estabilidade, influência, economia e geopolítica por meio de uma governança forte. Isso reflete a definição de autocracia como um sistema em que políticas são centralizadas por um indivíduo ou grupo, limitando a participação da população e restringindo as liberdades individuais. Apesar de sua eleição e inicial compromisso com o liberalismo, Putin governa de forma autoritária, perseguindo opositores políticos, oligarcas e jornalistas críticos.

Segundo o professor Donald R. Kelley, da Universidade do Arkansas, o sistema político da Rússia pós-soviética, especialmente o presidencial, é fortemente influenciado pela história czarista (1547-1917) e pelo período comunista (1917-1991). A Constituição mais recente da Rússia foi elaborada durante o tumulto pós-União

¹⁰ Essa alcunha ganhou peso na mídia internacional pela forma de conduzir sua política interna não abrindo espaço para concorrência, ver o documentário da HBO “Navalny”.

Soviética, estabelecendo um precedente para um governo com características autocráticas, focado em estabilidade e modernização.,

Ao longo da história russa existe um precedente bem estabelecido de recurso àquilo que os cientistas sociais chamam de “modernizadores autoritários” numa época de dificuldades. Durante o século XX, muitas nações – Turquia, Japão e China são os melhores exemplos – criaram sistemas políticos semelhantes para navegar num período perturbador, mas indiscutivelmente necessário, de industrialização e transformação social (Kelley, 2016, p. 1-2, tradução nossa).

A visão de Putin sobre o mundo e o papel da Rússia, é fundamentado em um profundo entendimento da continuidade histórica russa, que transcende os períodos de 1917 e 1991. Essa perspectiva histórica, combinada com elementos nacionalistas e práticas tradicionalistas da sociedade russa, sustenta a abordagem governamental de Putin¹¹. Seu principal objetivo é assegurar a sobrevivência e a grandeza da Rússia diante das pressões ocidentais. Dentro desse contexto de pressões ocidentais dos EUA e UE, uma boa relação com a China de Xi Jinping torna-se de vital importância.

3. Putin e Xi: melhores amigos?

Historicamente, Rússia e China desenvolveram alianças em três momentos, 1896, 1945 e 1950, todas elas minadas em algum momento por conflitos militares ou ideológicos. Segundo Huasheng (2014) entre acadêmicos chineses, a ideia de uma aliança sino-russa tem ganhado força na última década, embora sempre existisse, mas de modo tímido. A ascensão chinesa faz com que o cenário geopolítico global seja favorável para essa aliança entre os dois gigantes.

Ainda de acordo com Huasheng¹² (2014), à medida que a China cresce, enfrenta pressões crescentes no cenário internacional, especialmente em conflitos estruturais com EUA e Japão. A busca por uma aliança estratégica torna-se crucial para aliviar essas tensões. A China, já uma potência global, busca consolidar sua posição em uma ordem mundial cada vez mais bipolar com os EUA. Uma aliança com a Rússia poderia fortalecer essa posição, reconfigurando a dinâmica de poder

¹¹ Segundo o filósofo russo Alexander Dugin (2016, p. 19), “todas as potências e Estados do mundo que tenham aspectos talassocráticos dependem da Rússia para conseguir resguardar e fortalecer sua fronteira e soberania”. O autor ainda complementa que a Rússia está destinada ao confronto com os EUA e sua ordem unipolar, categorizando esse conflito como “sociedade do mar” (EUA) x “sociedade da terra” (Rússia).

¹² Professor do Centro de Estudos Russos e da Ásia Central da Universidade Fudan, de Xangai.

global. Além disso, tal aliança poderia influenciar a estrutura do Conselho de Segurança da ONU, potencialmente alterando a divisão de poder. Defendendo o sistema de Yalta na Ásia Oriental, essa aliança sino-russa visaria conter o ressurgimento do militarismo japonês e promover a estabilidade na região.

A história recente da Rússia sugere que a busca por uma aliança com a China está se tornando cada vez mais interessante e possivelmente a única saída viável. Desde a dissolução da União Soviética 1991, período em que, de acordo com Fagundes (2015), a Federação Russa mergulhou em um estado de limbo econômico e político, enfrentando desafios tanto internos quanto externos, o país passou por uma desorganização brutal e empobrecimento durante os anos 1990 sob a liderança de Boris Iéltsin. No entanto, nas últimas duas décadas do século XXI, a Rússia tem trabalhado para se reorganizar tanto política quanto economicamente, buscando recuperar sua influência na esfera regional e global.

Nesses períodos sob a liderança do presidente Vladimir Putin, a Rússia deu início a sucessivas hostilidades em locais como a Geórgia (2008), a Ucrânia/Crimeia (2014) e novamente a Ucrânia (2022), resultando em um aumento significativo de sanções internacionais. Atualmente, a Rússia se encontra entre os países mais sancionados do mundo, tendo inclusive seu sistema bancário desconectado do sistema internacional (SWIFT). Em retaliação à invasão da Ucrânia, parte de suas reservas internacionais foi congelada, empresas estrangeiras têm deixado o país e uma parte da elite econômica russa (oligarcas) foi alvo de sanções por parte da União Europeia e dos Estados Unidos.

Em 2 de fevereiro de 2022, Rússia e China realizaram um comunicado em conjunto que celebrou o aprofundamento de suas relações que ficou conhecido no mundo ocidental como “aliança sem limites”. O comunicado, intitulado “Declaração conjunta da Federação Russa e da República Popular da China sobre as relações internacionais: entrando em uma nova era e o desenvolvimento sustentável global”, traz algumas afirmações contundentes:

Ela vê o desenvolvimento de processos e fenômenos como a multipolaridade, a globalização econômica, o advento da sociedade da informação, a diversidade cultural, a transformação da arquitetura de governança global e da ordem mundial; há crescente inter-relação e interdependência entre os Estados; surgiu uma tendência à redistribuição do poder no mundo; e a comunidade internacional mostra uma demanda crescente por lideranças visando um desenvolvimento pacífico e gradual (Almeida, 2022, *online*).

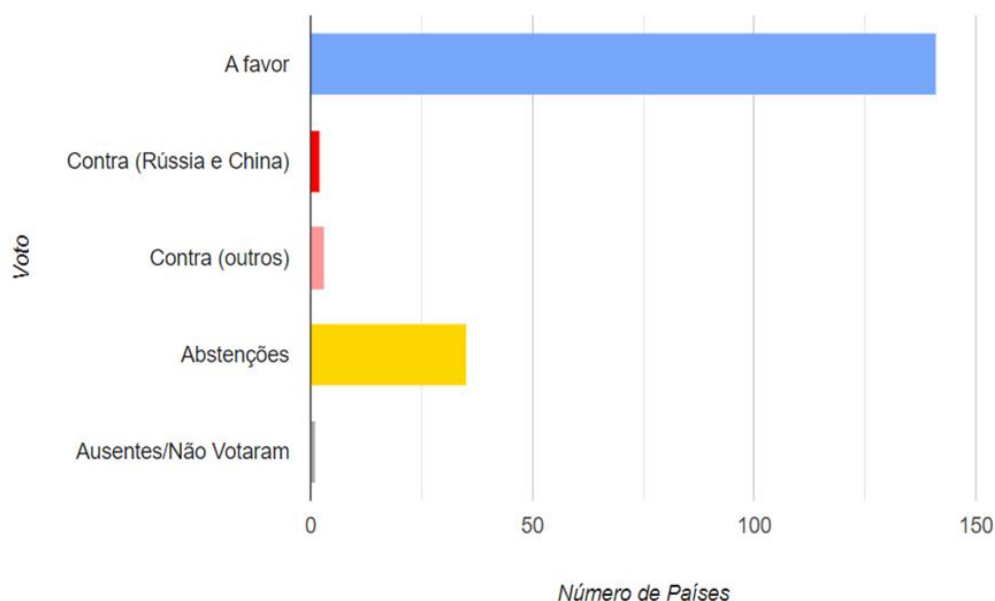
Podemos identificar contradições à luz dos fatos que se seguiram ao comunicado, como no trecho “a comunidade internacional mostra uma demanda crescente por lideranças visando um desenvolvimento pacífico e gradual”, visto que a invasão da Ucrânia pela Rússia, de certo modo, quebra a ideia sino-russa de “desenvolvimento pacífico e gradual”. A diplomacia russa, por meio do seu ministro das relações exteriores, Sergey Lavrov, culpa o ocidente pela questão ucraniana (por Ocidente, entenda-se EUA e União Europeia): “O Ocidente reformulou arrogantemente os processos do multilateralismo em nível regional para promover seus interesses” (*apud* Na Onu [...], 2023, *online*). Constatamos no discurso da diplomacia russa uma forte tendência antiocidental ou antiamericana contexto que limita as opções de alinhamento estratégico do país o jogando-o cada vez mais para a esfera de influência de seu vizinho asiático. O cenário que se configura é de um aprofundamento da sinodependência no contexto relações da Rússia com a China tendo em vista o pacote de sanções das potências ocidentais, em especial EUA e União Europeia.

Em 24 de fevereiro de 2023, a China lançou um documento com 12 pontos considerados importantes para a construção da paz e para cessar o conflito na Ucrânia. São eles:

- 1 – Respeito à soberania de todos os países
- 2 – Não à mentalidade da Guerra Fria
- 3 – Cessar as hostilidades
- 4 – Retomar as negociações de paz
- 5 – Resolver a crise humanitária
- 6 – Proteger civis e prisioneiros de Guerra
- 7 – Manter as usinas nucleares seguras
- 8 – Não às armas nucleares
- 9 – Facilitar as exportações de grãos
- 10 – Suspensão de sanções unilaterais
- 11 – Manter estáveis as cadeias industriais e de abastecimento
- 12 – Promover a reconstrução pós-conflito

No entanto, a China, em março de 2022, foi um dos cinco países a votar contra a resolução da Assembleia Geral da ONU que condenava a invasão da Ucrânia pela Rússia. A votação contou com a participação de 182 países, resultando em 141 votos a favor, 5 contra, 35 abstenções e 1 ausência.

Gráfico 1 – Votação da Assembleia Geral da ONU sobre a invasão da Ucrânia pela Rússia (Total: 182) países



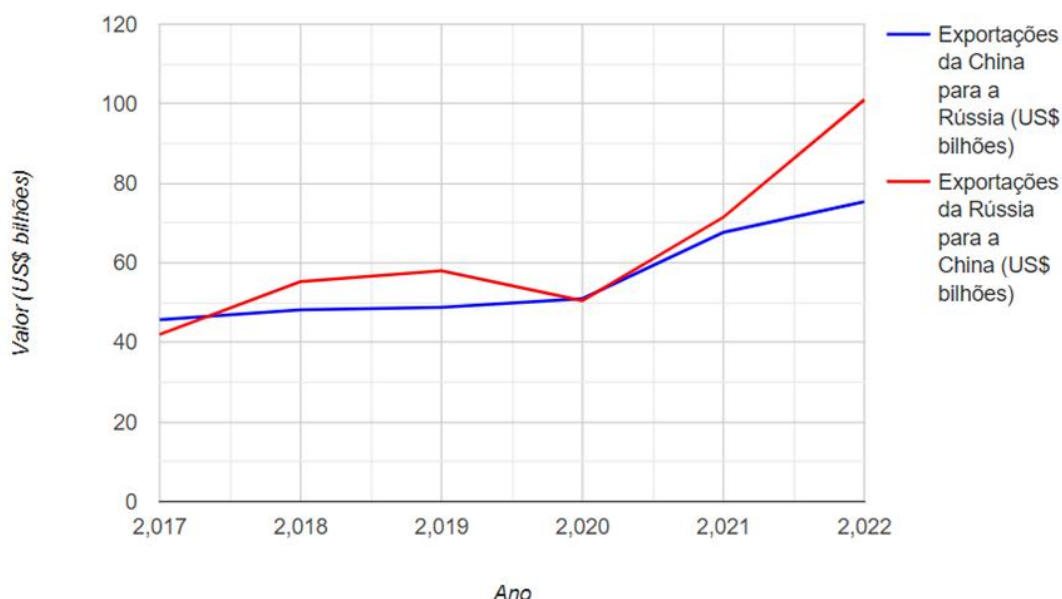
Fonte: produzido pelos autores com base em dados da ONU.

China e Rússia, como demonstrado, veem cooperando e agindo estrategicamente em conjunto dentro de instituições ocidentais, seja indicando membros, seja fazendo aportes financeiros. A China, particularmente, teve um notório crescimento de influência dentro da ONU e da OMS, de acordo com Wientzek (2022). Os dois países buscam estabelecer outra perspectiva de caráter não ocidental sobre temas de importância global, como democracia, direitos humanos e direito internacional. Os ministros das relações exteriores da Rússia e da China, em declaração conjunta em 2021, disseram que seus objetivos eram alterar a hegemonia da interpretação ocidental em pautas como direitos humanos e democracia, das quais os dois países são alvos de bastantes críticas na parte da comunidade global pró-ocidente.

3.1 Comércio bilateral e desdolarização

A eclosão do conflito militar na Ucrânia em fevereiro de 2022 acelerou um processo já em curso, a integração econômica entre Rússia e China. Em 2022, o comércio bilateral entre os grandes países asiáticos atingiu a marca de 110 bilhões de dólares.

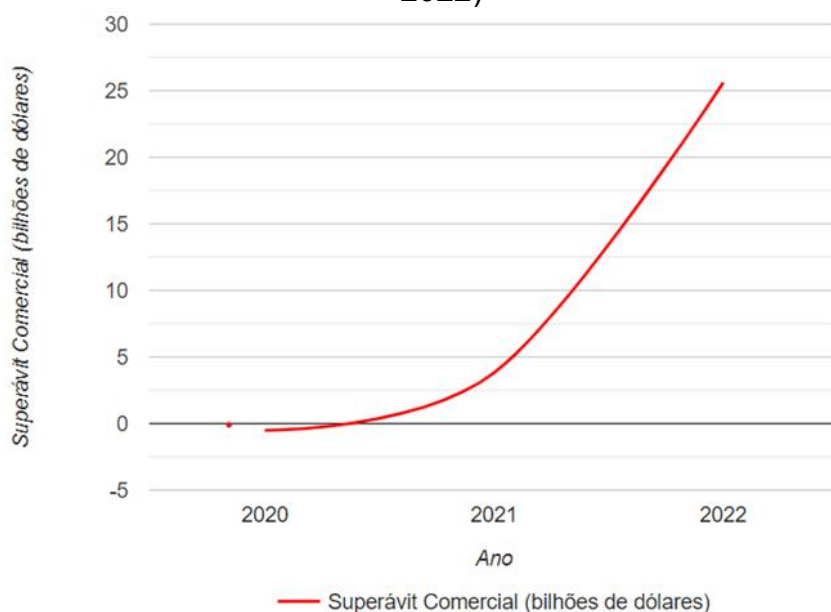
Gráfico 2 – Exportações bilaterais entre China e Rússia (2017-2022)



Fonte: Produzido pelos autores de acordo com os dados do The Observatory of Economic Complexity.

Os dados disponíveis do comércio sino-russo nos indicam que, entre 2017 e 2022, houve uma guinada sinocêntrica da balança comercial russa para a China. Os dois países, ao longo de seis anos, têm apresentado um crescimento consistente, com destaque para 2021 e 2022, quando houve aumentos expressivos. No ano de 2017, a China exportava para a Rússia cerca de 40 bilhões de dólares, atingindo a marca de 110 bilhões em 2022. Em termos percentuais, o aumento das exportações da China para a Rússia entre 2017 e 2022 chegou à casa dos incríveis 175%. Em contrapartida, as exportações da Rússia para a China apresentaram no mesmo período uma tendência de crescimento mais moderada, com um leve declínio em 2020 e uma recuperação nos anos seguintes. Em 2017, o valor inicial estava na casa de aproximadamente 45 bilhões de dólares, chegando ao patamar de 80 bilhões em 2022. Os dados nos mostram uma interdependência crescente entre os dois países e um aumento acentuado dos fluxos de bens, serviços e capital de ambos os lados. Padrão que pode ter sofrido muita influência do contexto de invasão da Ucrânia e posterior deterioração das relações entre Rússia e EUA e Europa. No entanto, os chineses apresentam no período um *superávit* econômico em relação à Rússia.

Gráfico 3 – Evolução do Superávit comercial da Rússia em relação China (2020-2022)



Fonte: Produzido pelos autores de acordo com dados do The Observatory of Economic Complexity

Com as relações com o Ocidente deterioradas, a Rússia teve que procurar outros parceiros econômicos alternativos disponíveis, o que pode ser uma das explicações do *superávit* das exportações russas com a China. Entre 2020 e 2022, o *superávit* na balança comercial russa chegou a incríveis 5220% no período, saindo de 0,50 bilhão de dólares em 2020 para 25,60 bilhões de dólares em 2022. Podemos diagnosticar esse resultado como fortemente influenciado pelo cenário das sanções ocidentais. Outro aspecto interessante diz respeito ao conteúdo dessas exportações. No ano de 2022, os principais produtos exportados pela China para a Rússia foram equipamentos de transmissão (US\$ 4,11 bilhões), computadores (US\$ 2,59 bilhões) e veículos de construção, representando US\$ 1,71 bilhão. Nos últimos cinco anos, as exportações chinesas com destino à Rússia aumentaram anualmente numa taxa de 94%, saindo da casa dos US\$ 45,7 bilhões em 2017 para US\$ 75,4 bilhões em 2022.

Os russos, como já destacamos, são muito fortes no mercado energético e também militar. A Rússia é a maior fornecedora de armas para a China, fornecendo 70% das importações entre 2014 e 2018 (Hillman, 2020). Dos US\$ 42 bilhões exportados para a China em 2017, US\$ 20,6 bilhões foram em petróleo bruto, briquetes de carvão (US\$ 9,64 bilhões) e gás de petróleo (US\$ 9,5 bilhões). Entre 1995 e 2017, as taxas de exportação da Rússia para a China aumentaram

anualmente cerca de 67,7%, saindo da casa dos US\$ 3,17 bilhões em 1995 para US\$ 42 bilhões em 2017¹³. Angela E. Stent (2019) aponta que os dois países historicamente têm enfrentado desafios muito parecidos em suas políticas mais recentes. De acordo com a pesquisadora:

Essa nova relação bilateral se concentrou em laços econômicos, regulamentação de questões fronteiriças e não interferência em assuntos internos. China e Rússia enfrentavam desafios separatistas — Tibete e Xinjiang para a China e Chechênia para a Rússia. Pequim apoiou a campanha chechena de Yeltsin, afirmando que o líder russo precisava travar a guerra para preservar a unidade do país (Stent, 2019, p. 208, tradução nossa).

Para o professor Yu Sui, do centro chinês de estudos mundiais contemporâneos,

A razão mais importante para o aprofundamento das relações Rússia-China é o fato de ambos os países estarem comprometidos com a missão histórica de rejuvenescimento e haver certa semelhança na forma de governar de seus líderes. Ao parabenizar Putin por sua eleição, o presidente Xi Jinping disse que "concorda muito" com as opiniões de Putin sobre a construção da nação, a melhoria da vida das pessoas e o engajamento em inovações técnicas, reveladas em seu discurso sobre o estado da união (Sui, 2018, *online*).

Na concepção de Xi Jinping, líder chinês, a parceria simboliza um novo patamar de relações bilaterais, conforme declaração do próprio presidente chinês:

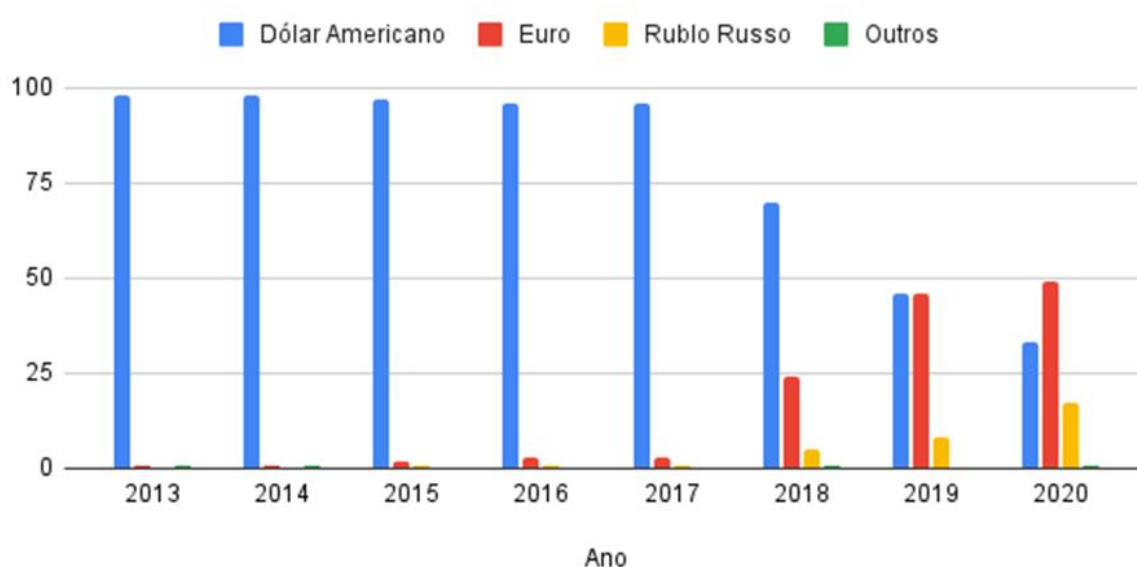
Ambas as partes se empenham na cooperação econômica de benefício recíproco com base no princípio de ganha-ganha. O volume comercial bilateral aumentou mais de dez vezes nos últimos 15 anos. A cooperação tem se ampliado da área de comércio apenas para investimentos, financiamentos, energia, alta tecnologia, ferrovias de alta velocidade, agricultura, aviação civil e setor aeroespacial, além da cooperação entre as localidades (Xi Jinping, 2019, p. 576).

A aliança está cada vez mais consolidada e firme, mas os desafios são múltiplos. Como resultado das múltiplas sanções do Ocidente coletivo em relação à Rússia, o país perdeu acesso aos sistemas de pagamentos dos EUA e ao dólar comercial.

¹³ Com base nos dados obtidos pelo <https://oec.world/en/profile/bilateral-country/chn/partner/rus?subnationalTimeSelector=timeYear&depthSelector=HS4Depth&dynamicBilateralTradeSelector=year2017&measureBilateralTradeSelector=vizValueOption1>.

A ex-mandatária brasileira e atual presidente do Banco dos Brics, Dilma Rousseff, afirmou, no 11º Fórum Mundial da Paz, na Universidade Tsinghua, em Pequim, que, “no contexto de conflitos geopolíticos, o dólar¹⁴ tem sido usado como arma de guerra econômica, elevando os preços de energia e alimentos e interrompendo ainda mais as cadeias de suprimentos” (Dilma [...], 2023, *online*). Os dados do Banco Central russo indicam um declínio acentuado do uso do dólar americano nas exportações russas para a China a partir de 2018.

Gráfico 4 – Liquidação cambial das exportações russas para a China (2013-2020)



Fonte: Produzido pelos autores de acordo com os dados da Atlantic Council. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/econographics/russia-and-china-partners-in-dedollarization/>.

Dentro desse contexto de rivalização entre Oriente e Ocidente, a reestruturação russa e o rápido crescimento econômico da China são dois pontos significativos no cenário internacional. Ambos os países estão implementando medidas como desdolarização, abandono do dólar em suas transações comerciais, de suas economias e a criação de instituições e blocos econômicos e militares que rivalizam com o mundo ocidental, sejam esses os seus objetivos ou não. Segundo relatório publicado pelo Atlantic Council:

A desdolarização surgiu como uma prioridade para a Rússia em 2014 em resposta à imposição de sanções ocidentais após a anexação da Crimeia, que limitava a capacidade de empresas estatais e bancos de obter

¹⁴ No pós-Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos construíram a arquitetura internacional no campo financeiro e estabeleceram a predominância de sua moeda como base das transações internacionais. Ver Eichengreen (2011).

financiamento nos mercados ocidentais. A China também começou a ver valor nessa iniciativa após o início da guerra comercial EUA-China em 2018 e o uso de medidas financeiras punitivas pelos EUA (Bhusari; Nikoladze, 2022, *online*, tradução nossa).

A desdolarização, embora ainda que forçada no caso russo e em passos lentos por parte de alguns países, representa o início de um novo patamar nas relações financeiras globais. Abre possibilidades para a construção conjunta, por parte de países como os do BRICS, de alternativas financeiras ao dólar e às instituições ocidentais em geral, por meio de instituições do Sul Global.

Considerações finais

China e Rússia têm fortalecido suas relações para além da diplomacia, englobando as mais diversas áreas, como economia, ciência, tecnologia, armamentos e trabalho em conjunto dentro de instituições ocidentais para tentar minar a influência dos EUA e União Europeia e consolidar as suas maneiras de trabalhar com pautas globais como democracia, direitos humanos e direito internacional etc. Essa relação parece se alargar para o campo pessoal, visto a proximidade dos presidentes Vladimir Putin e Xi Jinping. O primeiro país que o presidente Xi visitou oficialmente foi a Rússia, em 2013, evento no qual se referiu a Vladimir Putin como seu “melhor amigo”. Desde então, os dois líderes já se encontraram mais de 40 vezes, o que demonstra a proximidade não apenas político-institucional, mas pessoal entre os dois presidentes.

Durante o 38º encontro em 4 de fevereiro de 2022, antes dos Jogos Olímpicos de Inverno em Pequim e da invasão da Ucrânia, foi divulgada uma declaração conjunta criticando duramente os EUA, sua aliança militar da OTAN e sua política para a Ásia-Pacífico. A declaração também destacou a importância da soberania nacional nas relações entre Estados. Em suma, as perspectivas chinesa e russa se alinham quanto à necessidade de mudanças na ordem internacional e no *status* de ambos os países e de suas agendas de política externa, compartilhando desafios que se assemelham bastante. Ambos os mandatários, Vladimir Putin e Xi Jinping, terão bastante tempo para construir essa nova arquitetura multipolar, tendo em vista as mudanças constitucionais em ambos os países. Na China, a Assembleia Constitucional aprovou uma emenda que removeu o limite de dois mandatos para a presidência, com Xi podendo ficar indefinidamente no cargo. Já o seu homólogo

russo, em 2020, aprovou uma emenda à Constituição russa, permitindo a Putin concorrer a mais dois mandatos, estendendo seu tempo no cargo até pelo menos 2036.

No contexto da guerra na Ucrânia os Chineses, aumentaram expressivamente seu comércio bilateral com a Rússia e se posicionaram contra a política de sanções unilaterais dos EUA durante a guerra russo-ucraniana. O apoio chinês, tanto tácito quanto declarado, foi fundamental para que Vladimir Putin avançasse em suas ambições em relação à ex-república soviética, apesar do suporte das potências ocidentais, como EUA, Reino Unido, entre outras.

É notório com base nos dados mostrados no artigo que a aliança sino-russa já estava em desenvolvimento como um processo histórico-político-institucional antes da guerra na Ucrânia em 2022. No entanto, esse evento impulsionou e acelerou essa integração estratégica, tendo um impacto significativo na ordem mundial atual.

E levou as relações da Rússia com o Ocidente às últimas consequências, exacerbando a oposição Oriente x Ocidente.

Referências

10 YEARS of strengthening ties between Putin and Xi. **The Guardian**, London, 21 mar. 2023. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2023/mar/21/10-years-strengthening-ties-between-putin-xi-china-russia>. Acesso em: 15 ago. 2024.

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. Cinco interesses ocultados por Moscou (e pela crítica Ocidental) na Guerra da Ucrânia. **Revista de Geopolítica**, v. 13, n. 3, p. 1-15, jul./set. 2022.

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de; MATOS, Dídimio George de Assis. O eurasiatismo e a retomada do protagonismo russo numa ordem internacional multipolar. In: FABREGAT, Clemente Herrero; SILVA, Augusto César Pinheiro da (org.). **Dinâmicas socioespaciais em redes interdisciplinares v. 2**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2023. Cap. 3. Disponível em: http://www.editora.puc-rio.br/media/Din%C3%A2micas_socioespaciais-V2-Final.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

ALMEIDA, Paulo Roberto. Comunicado conjunto Rússia-China: Documento Abrangente (4/02/2022). **Diplomatizando**, 2022. Disponível Em: <https://diplomattizando.blogspot.com/2022/02/comunicado-conjunto-russia-china.html>. Acesso em: 12 abr. 2023.

ALVARES, Ticiano. **Rússia e China: uma parceria estratégica em busca da multipolaridade**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

BHUSARI, Mrugank; NIKOLADZE, Maia. Russia and China: Partners in Dedollarization. **Atlantic Council**, 2022. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/econographics/russia-and-china-partners-in-dedollarization/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

DILMA acusa EUA de usar dólar como “arma” geopolítica. **Poder360.com.br.**, 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/dilma-acusa-eua-de-usar-dolar-como-arma->

Revista de Geopolítica, v. 15, nº 4, p. 1-21, out./dez. 2024.

geopolitica/#:~:text=%E2%80%9CNo%20contexto%20de%20conflitos%20geopol%C3%ADticos, 2023). Acesso em: 2 ago. 2023.

DUGIN, Aleksandr. **Geopolítica da Rússia Contemporânea**. Tradução de Flávio Gonçalves e João Franco. Lisboa: IAECA, 2016.

DUGIN, Alexander. **Teoria do mundo multipolar**. Rio de Janeiro: Editora Ars Regia, 2012. Disponível em: https://www.catarse.me/teoria_do_mundo_multipolar. Acesso em: 16 ago. 2024.

ESTADOS UNIDOS. U.S. Department of Defense. **National defense strategy of the United States of America 2022**. 2022.

ESTADOS UNIDOS. National Security Archive. **The Sino-Soviet Border Conflict, 1969**. Disponível em: <https://nsarchive2.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB49/index2.html>. Acesso em: 3 ago. 2024.

FAGUNDES, Visentini Paulo. **O caótico século XXI**. Rio de Janeiro: Alta Books Editora, v. 1., 2015.

FREIRE, Maria Raquel. As relações China-Rússia num quadro de contenção estratégica. **Relações Internacionais**, n. 71, p. 051-066, set. 2021. DOI: 10.23906/ri2021.71a04.

FUKUYAMA, Francis. **Ordem e decadência política: da revolução industrial à globalização da democracia**. Editora Rocco, v. 3, f. 312., 2018, 624 p

HENRY, Kissinger explains how to avoid world war three: America and China must learn to live together. They have less than ten years. **The Economist.com**, 2023. Disponível em: <https://www.economist.com/briefing/2023/05/17/henry-kissinger-explains-how-to-avoid-world-war-three>. Acesso em: 24 maio 2023.

HILLMAN, Jonathan E. China and Russia: Economic Unequals. **Center for Strategic and International Studies**, 15 jul. 2020. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/china-and-russia-economic-unequals>. Acesso em: 1º ago. 2024.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Tradução Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo, Editora Companhia das Letras, v. 3, 1995.

HUNTINGTON, Samuel. **The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order**. Illustrated edição. Nova Iorque: Simon & Schuster, 2011. 367 p. ISBN 978-1451628975.

KACZMARSKI, Marcin. Convergence or divergence? Visions of world order and the Russian-Chinese relationship. **European Politics and Society**, v. 20, n. 2, p. 207-224, 2019. Disponível em: doi: 10.1080/23745118.2018.1545185. Acesso em: 11 abr. 2024.

KELLEY, Donald R. **Russian Politics and Presidential Power: Transformational Leadership from Gorbachev to Putin**. United States of America: CQ Press, v. 3, 2016.

LAVROV acusa EUA de abalar globalização e culpa sanções. **Gazeta do Povo**, 25 abr. 2023. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/lavrov-discurso-conselho-seguranca-onu-globalizacao-resposta-eua/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

MAHBUBANI, Kishore. **A China Venceu?** Tradução Bruno Casotti. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.

SOROS, George. **Em defesa da sociedade aberta**. 1. ed. Rio de Janeiro, Editora Intrínseca, 2021.

STENT, Angela E. *Putin's World: Russia Against the West and with the Rest*. New York: Twelve, 2019. Disponível em: <https://libgen.is/book/index.php?md5=0549EA2299DDCD6C11F137C2A8AB29EB>. Acesso em: 31 jul. 2024

SUI, Yu. Russia-China-US Relations. **China us Focus**, 2018. Disponível em: <https://www.chinausfocus.com/foreign-policy/russia-china-us-relations>. Acesso em: 31 jul. 2024.

VEJA quais são os 12 pontos da proposta de paz da China para a guerra na Ucrânia, rejeitada pelo Ocidente. **O Globo**, 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/google/amp/mundo/noticia/2023/02/veja-quais-sao-os-12-pontos-da-proposta-de-paz-da-china-para-a-guerra-na-ucrania-rejeitado-pelo-ocidente.ghtml/>. Acesso em: 20 ago. 2023.

VOSKRESSENSKI, Alexei D. China's Relations with Russia. In: SHAMBAUGH, David (Ed.). **China and the World**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

WIENTZEK, Olaf. Cooperation Between Russia and China in Multilateral Organizations: A Tactical or a Strategic Alliance? **Springer International Publishing**, p. 223-242, 2022.

XI JINPING. **A governança da China**. Rio de Janeiro: Contraponto, v. 2, 2019.

ZHAO HUASHENG, Zhao. Should China and Russia Become Allies? In: BINHONG, S. **China Under Xi Jinping**. Institute of World Economics and Politics, v. 3. Cap. 11, 2014, p. 220-240.

Recebido em 10 ago. 2024.

Publicado em 23 dez. 2024.